

Canal Energia – 17/10/2007

Especialistas avaliam como positivo resultado do leilão A-5

Eles destacam o atendimento de toda a demanda, com a contratação de 2.312 MW médios

Danilo Oliveira, da Agência Canalenergia, Negócios

Com a venda de 2.312 MW médios - resultado equivalente a 110% da demanda declarada pelas distribuidoras - incluindo hídricas e térmicas a gás natural, a carvão e óleo combustível, o leilão de energia nova A-5, que aconteceu na última terça-feira, dia 16 de outubro, foi considerado satisfatório pelos especialistas entrevistados pela reportagem da Agência CanalEnergia.

Para professor Nivalde José de Castro, coordenador do Grupo de Estudos do Setor de Energia Elétrica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o leilão foi uma prova prática do equilíbrio entre oferta e demanda. Segundo ele, o resultado mostra que não existe potencial de desequilíbrio para 2012. "Toda a demanda foi atendida", ressaltou Nivalde.

O diretor do Centro Brasileiro de Infra-Estrutura, Adriano Pires, considerou positivo o volume de contratação de 715 MW médios de hídricas, vendidos pelas usinas Estreito (TO/MA, 1.087 MW), Serra do Facão (GO, 212,58 MW), Foz do Chapecó (RS/SC, 855 MW), Funil (MG, 180 MW) e São Domingos (MS, 48 MW). O preço médio do MWh para as hidrelétricas fechou em R\$ 129,14, contra o preço inicial de R\$ 126,00.

O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, também destacou a maior participação de hidrelétricas em relação ao número de termelétricas. No leilão, as termelétricas a carvão de Maranhão e Pecém, a usina a gás natural de Santa Cruz e as usinas a óleo combustível Suape II e Thermes negociaram 1.597 MW médios, a um preço médio de R\$ 128,37 por MWh.

Outro ponto ressaltado pelos especialistas foi a diversificação da matriz energética com a entrada de usinas de outras fontes, como gás natural, carvão e óleo combustível. Adriano Pires, do CBIEE, considerou importante para a matriz a introdução do carvão importado, já que ele é considerado de melhor qualidade em relação ao nacional.

Entretanto, os especialistas consideraram que o resultado poderia ter sido melhor caso houvesse mais empreendimentos de energia nova. "Só não foi ótimo porque, desse total, aproximadamente 60% é de usinas novas", disse Sales. "Esse número deveria ser de cerca de 70%", avaliou Pires.

Para o professor Nivalde, da UFRJ, o baixo número de projetos hídricos deve-se aos problemas com licenciamento ambiental. Ele ressaltou ainda a proximidade entre os preços das fontes hídricas e térmicas verificada no leilão. "O preço do MWh da energia térmica ficou mais competitivo", observou.